

Vida Família Responsabilidade Social



A **In Família** é uma associação sem fins lucrativos, criada em Maio de 2007, que pretende, no espaço nacional, lusófono e internacional, intervir em três âmbitos: Família, Vida e Responsabilidade Social.

Os objectivos da **In Família** passam por promover actividades de apoio e formação à família, educação e consciencialização para a responsabilidade social, formação profissional dos cidadãos, prevenção e reparação de situações de carência ou exclusão social, defesa da vida, protecção e promoção dos direitos humanos e da igualdade de oportunidades e reivindicação pública do reforço da família como núcleo fundamental da sociedade.

Editorial

Caros amigos,

Este é o número “zero” da nossa *newsletter*. Com esta publicação pretendemos atingir três objectivos:

- Informar os subscritores dos projectos da In Família;
- Fomentar o espírito associativo entre os Associados;
- Contribuir para a clarificação de critérios e para a formação das opiniões dos leitores.

A **In Família**, herdeira natural do Movimento Cívico **Minho Com Vida**, está a dar os primeiros passos, enquanto Associação vocacionada para a Defesa da Vida, dos Valores da Família e da Responsabilidade Social. Sabemos que os desafios que nos aguardam são difíceis, mas em nada comparáveis à grandiosidade e à nobreza dos resultados que, com o tempo, queremos atingir.

Apostar na Família, como núcleo central e insubstituível da edificação da Pessoa, constitui a nossa primeiríssima finalidade; sublinhe-se, todavia, que tal aposta, para produzir efeito, requer a criação das condições ao nível da disponibilidade interior de cada um e isto só se consegue pela via da Formação. Desta forma, está justificado o primeiro conjunto de acções da **In Família**, designado como **Sábados In Família**, os quais terão início já no dia 22 de Setembro.

Queremos contribuir para melhorar o contexto de vida das famílias, queremos famílias mais felizes e o êxito ou o fracasso desta Associação dependem de nós e daqueles que nos rodeiam; assim, apela-se a todos para que se associem e tragam consigo os amigos.

O nosso lema deve ser: a Família em primeiro lugar!

J. Fernando Almeida

Presidente da Comissão Instaladora

Actividades

22. Setembro :: SIF: Amar com o Corpo
 27. Outubro :: SIF: Que Educação da Sexualidade?
 24. Novembro :: SIF: Planear uma Família
 15. Dezembro :: SIF: A Família em Primeiro Lugar

SIF - Sábados In Família

A **In Família** inicia já no próximo sábado, **22 de Setembro**, um ciclo de *workshops* designados **Sábados In Família**.

O objectivo destas sessões é promover a reflexão e o debate acerca de temas relacionados com a Educação e a Família.

Os **Sábados In Família** têm início às **17 h** e cada sessão durará aproximadamente 1 h. A **entrada é livre**.

A primeira destas palestras, orientada pelo médico Constantino Santos, intitula-se “**Amar com o Corpo**” e pretende ser esclarecedora no que concerne ao sentido da sexualidade humana, partindo da abordagem dos conceitos de corporalidade e personalidade, assim como da amizade e do amor conjugal, entre outros.

Na primeira parte o orador fará a exposição do tema, à qual se seguirá o debate.

Mais informações em: www.infamilia.org.

Associados

Nesta secção pretendemos criar um espaço privilegiado de contacto com os associados e leitores. Envie os seus comentários, opiniões e sugestões para o seguinte e-mail: leitor@infamilia.org.

Ainda não é associado?!

Junte-se a nós em www.infamilia.org.



In Família em acção

I Convenção Minhota pela Vida e Pela Família

A In Família organizou no passado dia 16 de Junho, em Braga, a I Convenção Minhota Pela Vida e Pela Família (I CMVF).

Esta convenção teve como objectivos contextualizar os temas da Vida e da Família e suscitar a reflexão acerca dos mesmos, bem como ouvir a experiência de outras associações que trabalham nesta área, tendo marcado presença a Federação Portuguesa Pela Vida, a Associação Mulheres em Acção, o CENOFA - Centro de Orientação Familiar, etc..

No decorrer da I CMVF procedeu-se ainda à apresentação pública da Declaração de Princípios e do Plano de Acção para 2007 da In Família.

A sessão de trabalhos iniciou-se com uma brilhante intervenção do Prof. João César das Neves sob o tema "Contextualização da defesa da Vida após o Referendo de 11 de Fevereiro".

Estiverem presentes cerca de 200 participantes, provenientes de todo o país. Durante o almoço e no final dos trabalhos algumas dezenas de pessoas aproveitaram para se inscreverem como associados da In Família. Um sucesso... 🍀



In Família exige coerência aos deputados

A Associação In Família enviou no dia 16 de Julho de 2007, aos deputados eleitos pelos círculos eleitorais de Braga e Viana do Castelo, uma carta na qual os alerta para as suas responsabilidades, no que à defesa da Vida e da Família natural diz respeito, tendo em conta as convicções sobre o tema da Vida, maioritariamente expressas pelos eleitores destes círculos no referendo sobre a liberalização do aborto.

Esta iniciativa da In Família - que legitimamente assume a representação desse eleitorado (59%), no que a tais temas diz respeito - tem como objectivo sensibilizar os deputados para a necessidade de assumirem, de facto, a representação dos seus eleitores e não apenas as orientações políticas emanadas dos respectivos partidos. Mais ainda quando é sabido que o novo ano parlamentar será marcado por novas iniciativas legislativas pondo em causa a Família natural, a sua estabilidade e a protecção que lhe é devida - as quais, a concretizarem-se, seriam objecto da oposição pública desta Associação, em nome dos cidadãos de Braga e Viana do Castelo (mais de 10% dos eleitores do nosso país).

Na referida carta, a Associação In Família afirma ainda que os deputados representantes do Minho podem contar com a colaboração da Associação em tudo quanto diga respeito à defesa e promoção dos valores pela mesma promovidos e defendidos. E podem contar também com a In Família para denunciar publicamente todos os comportamentos políticos que agridam tais valores, por acção ou omissão.

O tom da missiva torna-se mais incisivo, quando a mesma Associação sublinha que "os cidadãos do Minho, conscientes do mandato confiado aos seus deputados, contam com cada um deles para se bater na Assembleia da República pelos valores por eles defendidos, dando assim verdadeiro significado à legitimidade democrática, a qual, em primeiro lugar, advém do voto dos eleitores".

A carta da Associação In Família aos deputados termina considerando que a defesa da Vida e a valorização da Família são temas transversais à sociedade, dos quais nenhum partido político se pode apropriar; sendo, por isso, legítimo que cidadãos preocupados com os referidos temas e empenhados na sua promoção junto da sociedade julguem a bondade do comportamento dos eleitos, seus representantes, tendo como referência os princípios por estes defendidos, no que a esses temas diz respeito - dos quais depende o progresso cultural e civilizacional de qualquer sociedade. 🍀

In Família na Imprensa

In Família apela à vida junto ao Hospital de São Marcos

Acção contra a entrada em vigor da lei do aborto

A associação “In Família” esteve junto ao Hospital de São Marcos, em Braga, a manifestar silenciosamente o seu desacordo pela entrada em vigor da regulamentação da lei do aborto. Uma iniciativa conjugada com os outros movimentos associativos pró-vida que estão a realizar este fim-de-semana acções semelhantes em diversos hospitais do país.

Esta acção pública a favor da vida envolveu em Braga cerca de três dezenas de associados da “In Família” e constou essencialmente da distribuição de folhetos da Associação nas redondezas do Hospital. A maior parte das pessoas abordadas desconhecia a entrada em vigor da lei da Interrupção Voluntária da Gravidez.

Diogo Vasconcelos, um dos porta-vozes da “In Família”, disse ao DM que durante a iniciativa não foram feitos apelos directos contra o aborto, mas sim apresentadas alternativas à lei. «As pessoas com quem contactamos ficaram a conhecer que há em Braga uma associação que dá apoio às gravidezes não desejadas, quer de mães solteiras, quer de mães casadas, e que não é necessário recorrer ao aborto», assinalou.

A Associação procurou também convidar a população para uma «reflexão urgente acerca da necessidade de inverter a política anti-natalista em vigor».

A “In Família” anunciou que tem agendadas outras iniciativas, a primeira das quais será divulgada a meio da próxima semana. Prometeu desenvolver acções de sensibilização e apelo à vida junto dos meios onde o aborto acontece, independentemente da idade, condição económica, social ou profissional. 🍀

Fonte: *Diário do Minho* :: 2007.07.15

Mais notícias em: <http://www.infamilia.org/imprensa.php>



Opinião

A desgraça do século

João César das Neves

Este tempo sofre muitas desgraças, na guerra, ambiente, saúde, etc. Mas a maior de todas é acreditar nos contos de fadas. Essas lendas infantis são muito antigas e sucessivas gerações as narraram, mas todas sempre souberam que se tratava de fantasia. Este é a primeira época que realmente acredita nelas, criando terríveis efeitos sociais.

Os contos de fadas têm muitas personagens fictícias, mas as mais incríveis são... o príncipe e a princesa. São incríveis, porque aquilo que fazem no conto é sempre casar e viver felizes para sempre. Ora toda a gente que está casada sabe que não se consegue viver feliz para sempre. Esse desejo é, aliás, o maior obstáculo à construção da verdadeira felicidade. Os casais bem sucedidos, aqueles que se amam para sempre, não são sempre felizes. Vivem no meio de alegria e comunhão, mas também de ocasionais dúvidas e zangas, bastantes sofrimentos e desilusões. Amam-se sempre, mas muitas vezes com alguma infelicidade. Neste mundo nenhum ser humano consegue ser feliz para sempre, sobretudo a dois.

Dizer isto hoje é a suprema heresia, pois, com fé inabalável na televisão, este tempo acredita piamente nesse aspecto central dos contos de fadas. Os jovens hoje, livres de fazer o que quiserem, sentem direito a felicidade principesca. Passado

o fogo inicial, perante o menor problema, obstáculo, desentendimento, concluem que se enganaram. Se não conseguem ser sempre felizes, então este não é o prometido parceiro encantado. Desfazem a união partindo esperançados para outra.

Os tempos antigos sabiam tudo sobre namoro, amor, paixão. Mas também sabiam que casamento era mais que contos de fadas. Casamento era família, futuro, estatuto, estabilidade. Construir um amor a dois, estabelecer uma casa, assegurar uma herança, perpetuar e educar uma prole dá muito trabalho. São coisas demasiado importantes para serem deixadas a fantasias. Havia muitos casais felizes, mas muitos mais casais sólidos. Nesses tempos um casamento não era um contrato que as partes podiam denunciar. Era um casamento.

A solução antiga estava longe de ser perfeita, gerando infidelidades, frustrações, recriminações. Mas evitava o descalabro actual. Porque a nossa crença nos contos de fadas criou um caos social de primeira grandeza. E, pateticamente, não reduziu as infidelidades, frustrações e recriminações. Só as tornou banais. Procuramos escondê-lo para podermos manter a fé nos sonhos, mas essa fé trouxe a desarticulação da família, com consequências sociais devastadoras.

A família é a célula-base da sociedade. Antigamente nunca se dizia isto, porque se vivia isto. Os princípios só são enunciados ao deixarem de ser respeitados. Quando a finalidade central deixou de ser a família para ser o conto de fadas, surgiu a desgraça do século. Chamamos "novos tipos de famílias" aos estilhaços resultantes dessa desgraça. O casamento passou a ser uma relação mais fluída que o vínculo laboral. Os casais habituaram-se a desligar a sua vida real do momentâneo sonho idílico. As crianças passaram a viver órfãs com pais vivos ou, pior, com demasiados pais.

O mais terrível é que a fé nos contos de fadas, além de minar os fundamentos da sociedade ocidental, não trouxe mais felicidade. Trouxe vidas decepadas, estraçalhadas, remendadas. Adultos desenganados, cínicos, apáticos, ou viciados, tacanhos, corruptos. Idosos desamparados, solitários, tristes. Nem a evidência da explosão da depressão, droga, crime e suicídio, apesar da prosperidade, nos fazem perceber que há algo de muito errado na nossa opção.

Há mais liberdade, mas não se vêem hoje mais pessoas felizes, mesmo que seja só por algum tempo. Há mais embriaguez, sofisticação, reivindicações, mas não mais felicidade. Antes, sem poder escolher, muitos aprendiam a ser felizes com o que tinham. Hoje, sonhando com o impossível, tantos sacrificam a felicidade realizável por sonhos enganadores. Não espanta que o tempo que acredita nos contos de fadas tenha sido aquele que criou um novo tipo de novela: o filme de terror. 🍷

Fonte: *Diário de Notícias* :: 2007.09.10

Ainda somos todos contra o aborto?

Pedro Vaz Patto

“Todos somos contra o aborto, só não queremos que as mulheres que o praticam sejam penalizadas.” Quantas vezes não ouvimos da boca de partidários do “sim” no referendo de Fevereiro este tipo de afirmações? Ou, também, a ideia de que o aborto não seria liberalizado nem banalizado, que o número de abortos não iria aumentar, que passaria a vigorar um sistema de aconselhamento tendente a evitar esse aumento de uma forma alternativa em relação à penalização e até mais eficaz do que esta? Recordo-me muito bem de ter ouvido esta ideia, em debates em que participei, a vários dos meus interlocutores partidários do “sim”. Continuo a acreditar na sinceridade e na boa-fé desses meus interlocutores. Mas estranho que estas ideias tenham deixado de se ouvir a partir do dia seguinte ao do referendo (é verdade que ainda as ouvi na própria noite de 11 de Fevereiro, pouco depois de serem conhecidos os resultados) ou não tenham sido ouvidas durante a discussão da lei entretanto aprovada pela Assembleia da República. Nem se oiçam agora, quando a lei e sua regulamentação entraram em vigor.

Essa lei, deliberadamente, não fala em “aconselhamento”, mas em “acompanhamento”, com o propósito claro de afastar qualquer ideia de dissuadir ou desaconselhar a prática do aborto (o que não deixaria de respeitar a vontade livre da mulher, respeito que os resultados do referendo impõem). Tal como se rejeitou qualquer propósito de “encorajar a continuação da gravidez” (expressão decalcada da lei alemã, lei muitas vezes mencionada na campanha, designadamente pela Dr.^a Maria de Belém Roseira e pelo Eng.^o José Sócrates), através do apoio à busca de alternativas ao aborto. O “acompanhamento”, por psicólogos ou técnicos de serviço social, será facultativo. Os médicos objectores de consciência não poderão participar na consulta prévia e no referido “acompanhamento” (não vão eles incorrer na “perigosa” e “subversiva” prática de algum tipo

de aconselhamento de alternativas ao aborto!). Esse “acompanhamento” será efectuado no âmbito de clínicas lucrativas, obviamente pouco interessadas em limitar a prática do aborto, que é a fonte do seu lucro. Aliás, ainda a lei, com a sua regulamentação, não entrara em vigor, já vários hospitais públicos se apressavam a praticar o aborto a pedido da mulher. É claro que não preocupou os responsáveis se esse “acompanhamento” social e psicológico estaria já em condições de ser prestado (nem ninguém falou disso, sequer).

A regulamentação da lei não prevê a obrigatoriedade de comunicação à mulher do mais elementar dos elementos de informação necessários a uma decisão verdadeiramente consciente: o que diz respeito às características do desenvolvimento do embrião ou do feto (o que poderia ser feito através do visionamento de uma ecografia, ou de outra forma). Afinal, o que é que significa “interromper a gravidez”? Sem essa informação, pode bem suceder que uma mulher pratique o aborto convencida de que o embrião ou o feto são uma “mancha de sangue”, ou um “amontoado de células”, como tantas vezes se ouve. Uma decisão destas será tudo menos uma decisão consciente. Esta informação, na sua objectividade e para além de qualquer polémica doutrinal, certamente evitaria alguns abortos, muito mais do que a informação sobre os apoios do Estado à maternidade (essa prevista na regulamentação da lei), já conhecidos da generalidade das pessoas e, por sinal, bem pouco significativos. Tão pouco significativos que dificilmente alguém deixará de praticar um aborto por causa dessa informação...

Um projecto de proibição da publicidade que incite à prática do aborto, apresentada pelas deputadas Maria do Rosário Carneiro e Teresa Venda, semelhante ao de projectos anteriormente apresentados pelo próprio Partido Socialista, foi rejeitado liminarmente.

A prática do aborto no âmbito do Serviço Nacional de Saúde não ficará sujeita ao pagamento de qualquer taxa moderadora, seja qual for o nível de rendimento da mulher que a peça. A lógica da taxa moderadora é a de evitar um recurso desnecessário aos serviços de saúde, de “moderar” esse recurso, limitando-o e restringindo-o às situações de verdadeira necessidade.

Não se compreende que, como se verifica actualmente, se exijam essas taxas em internamentos e cirurgias, que muito dificilmente serão resultado de uma opção ou de uma decisão que possa ser evitada. Mas em relação ao aborto, mais do que qualquer outro serviço, tem plena lógica a intenção de “moderar” o recurso aos serviços de saúde, porque se trata, claramente, de uma opção e de uma decisão que podem ser evitadas. Aqui sim, justificar-se-iam taxas moderadoras.

Seria interessante saber quando é que um qualquer aborto deixará de ser praticado por causa deste sistema. Ouvi dizer uma vez que não se conhecia nenhum caso no âmbito do sistema em vigor até agora em Itália, teoricamente muito mais orientado para a defesa da vida do que este nosso sistema. Oxalá me engane, mas não me parece que algum dia venha um aborto a ser evitado por causa deste sistema que agora entra em vigor.

Nesta altura, em que se prevê uma “avalancha” de pedidos de aborto, parece que a única preocupação dos responsáveis governativos é a de satisfazer esta procura e que nenhum desses pedidos deixe de ser atendido, nem que, para isso, se tenha que atravessar o Atlântico e se paguem viagens de avião. Não se lamenta o facto, não se procura estudar as razões, não se procura oferecer alternativas. Como seria bom voltar a ouvir: “Somos todos contra o aborto!”. 🍀

Fonte: *Jornal Público* :: 2007.07.27

Donativos

A In Família é uma associação sem fins lucrativos, financiada à base de donativos. Se pretende dar uma ajuda, poderá fazê-lo por transferência bancária:

NIB 0036 0085 99100043497 86

Muito obrigado!

Tenho dito

“Se quiseres conhecer uma pessoa, não lhe perguntes o que pensa, mas sim o que ama.”

Sto. Agostinho